

Comentário ao texto *Acerca da minha concepção do Eu*, de Jean Laplanche

José Carlos Calich¹, Porto Alegre

O presente artigo é um comentário à nota de Jean Laplanche escrita entre os anos de 1990-1991, na qual ele procura situar seus alunos de então a respeito de suas posições sobre o conceito de Ego, o qual extensamente estudava desde 1970. São destacados o ponto de vista econômico como papel central na função do Ego e neste cenário, referenciando o seu conceito de atividade tradutiva. É discutida a afirmação de Laplanche sobre as derivações metonímicas e metafóricas do Ego, assim como a relação delas com a ligação das pulsões. É também discutido o papel da sexualização sobre o Ego-instância inicial, na transformação em Eu-indivíduo. Uma proposição de diferenciação de nomenclatura entre o Ego-instância e o Eu-indivíduo é trazida para estabelecer a diferenciação entre um Superego primitivo, punitivo e acusatório e um Superego resultado da ação da atividade tradutiva. São introduzidas respostas iniciais para as três perguntas que finalizam o texto de Laplanche sobre o Id, o ideal de Eu, o Ego ideal e o Superego.

Palavras-chaves: Ego; Superego; Atividade tradutiva; Derivações metonímica e metafórica; Função sintética do Ego

¹ Médico psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Jean Laplanche (1924-2012) foi um autor altamente consistente em suas construções conceituais, bastante preciso na escolha dos termos e com frequência disposto a clarificar os pontos que se tornavam ambíguos em sua original e densa teorização. É neste espírito que escreveu a “nota” *Acerca da minha concepção do Eu*², conforme a contextualização de Tarelho em *Apresentação do texto de Jean Laplanche intitulado Acerca da minha concepção do Eu* (1996/2021), como uma tentativa de aclarar a importância do conceito de Eu em suas leituras de Freud e em sua própria *Teoria da Sedução Generalizada* (Laplanche, 2003; Calich, 2019[2017]).

Como ele mesmo rememora, seu extenso estudo sobre o Ego inicia em 1970, em *Vida e morte em psicanálise*, em seguida é aprofundado e se diferencia de Freud em *Problemática I* (1980), e ainda mais em *Problemática IV* (1981), complementando-se (levando em conta que esta nota foi escrita entre 1990-91) em *Novos fundamentos para a psicanálise* (1987). Em vários de seus textos posteriores, Laplanche desenvolve e clarifica, de forma não sistemática, pontos levantados neste texto agora publicado.

Laplanche destaca princípios organizadores básicos de sua teoria para situar sua compreensão sobre o Ego. Ao longo do texto, é possível perceber a centralidade do aspecto econômico (homeostasia e para-excitação) como fator básico, “porque o Eu se constitui contra o perigo interno, proveniente das mensagens enigmáticas implantadas pelo outro e, depois, de seus resíduos inconscientes ou objetos-fontes”. E na sequência: “O indivíduo (que também denomino Ego) tem de fabricar essa paraexcitação interna que falta inicialmente” (Laplanche, 1996/2021, p. 723).

Explicitando o conteúdo acima exposto: o movimento de tradução (ele, por si só, uma atividade homeostática que visa reestabelecer o equilíbrio do mundo do *infans*, perturbado pela excitação causada pela implantação da mensagem enigmática sexual proveniente do adulto) realiza traduções parciais, restando um conteúdo sexual não traduzido (Laplanche, 1987/1992). Este resíduo não traduzido, que Laplanche chama de *objeto-fonte da pulsão*, será alvo do recalque (novo recurso homeostático) e continuará estimulando a atividade tradutiva, criando significados próprios ao *infans*, primeiramente para as mensagens do outro (o ser *hetero-intepretante*), e, em seguida e à medida que vão se multiplicando, a autoteorização e a auto-tradução passam a dar significados pessoais a todos os movimentos e experiências, internos e externos, vividos pelo pequeno humano. Serão *comprometidos pela sexualização*, em razão dos múltiplos significados da *mensagem parcialmente traduzida* (comprometidos pelo pré-consciente), todos

² N.R.: mantido o termo Eu, em consonância à atual tradução do texto de Laplanche publicado neste número. Para maiores esclarecimentos vide N.A. número 3 neste artigo.

os conteúdos mentais inatos, bem como a relação com o corpo (será criada a representação da imagem corporal), a percepção dos afetos, a relação com a realidade externa e as relações com os demais humanos.

O movimento detalhado acima consiste na ligação da pulsão promovida pela atividade tradutiva, juntamente com os auxiliares da tradução vindo dos adultos – o pseudoinconsciente do mito-simbólico (Laplanche, 2003) e os afetos básicos do apego (Calich, 2019[2017]). Ainda que Laplanche não aborde a atividade tradutiva nessa nota, seus diversos textos posteriores permitem inferir que sua mobilização e síntese seja uma função do Ego, o que pode ser constatado em trecho anterior da nota que estamos comentando:

Nego que ela desempenhe um papel primordial no conflito psíquico de que se ocupa a psicanálise. Neste conflito, o Eu opõe-se às pulsões, não por obediência à realidade, mas pela necessidade de ligação, de coerência, sem a qual estaria exposto ao desligamento pulsional. (Laplanche, 1996/2021, p. 722)

O desligamento pulsional ao qual Laplanche está se referindo é a presença e manutenção do sexual da mensagem enigmática, sem transformação, sem ligação, e, portanto, sem tradução. A pulsão sexual de morte (Laplanche, 1984/1992), em relação a qual o Ego tem a função de opor-se, *não por obediência à realidade* como sugeria Freud, mas, como visto, pelo desequilíbrio estabelecido por essa sexualidade não ligada.

O complemento “O indivíduo (que também denomino Ego)³ tem de fabricar essa paraexcitação interna que falta inicialmente” (Laplanche, 1996/2021, p. 723) deixa claro que esta é uma função do Ego, mas traz uma questão: por que falta no início? Minha compreensão é que *falta no início* porque é um código adaptativo que o ser humano não traz consigo filogeneticamente. Laplanche (1987/1992) explicita que o ser humano não tem um código para adaptar-se à mensagem sexual do outro, fazendo com que ela se torne enigmática. Entendo que não há esse código porque a sexualidade humana não é predominantemente biológica, mas sim resultante do trabalho de construção da sexualidade infantil, esta sexualidade ampliada a que Laplanche se refere já no subtítulo do livro *Sexual* (Laplanche, 2007/2015a). Por ser baseada na fantasia lastreada na sexualidade infantil, não tem

³ As traduções recentes dos textos psicanalíticos têm optado por utilizar o termo “Eu”, mais coerente com o termo alemão freudiano, para a palavra Ego (utilizada predominantemente na tradução de Strachey do Alemão para o Inglês). Entretanto, como veremos no decorrer do texto, é possível conceber um Ego-instância anterior a transformação promovida pela atividade tradutiva e um “Ego-indivíduo” posterior a essa modificação/sexualização que constituiria o “Eu”. Em função desta diferença estrutural vou nominar de Ego e Superego as instâncias anteriores ao movimento da atividade tradutiva e “Eu” e “Supereu” ao que já foi alterado por essa atividade.

códigos naturais adaptativos, causando desequilíbrio quando implantada no *infans* e necessitando da atividade tradutiva para a busca de equilíbrio. Entendo que a *fabricação dessa para-excitação* mencionada, realizada pelo Ego, refere-se a uma função de síntese entre a atividade tradutiva e os auxiliares à tradução vindo dos adultos (o pseudoinconsciente do mito-simbólico e os afetos básicos do apego).

Em relação às derivações metonímica e metafórica, concordo com a compreensão de Tarelho (2021) de que se tratam de derivações após a sexualização, ou seja, depois da ação promovida pela atividade tradutiva sobre o Ego-instância, o Ego constituído por “montagens instintuais” (Laplanche, 2021, p. 724) indenegáveis (que classicamente são a atenção, memória, sensopercepção, consciência, orientação, afetos básicos, cognição, inteligência, linguagem e volição), as quais serão indelevelmente comprometidas pela sexualização e constituirão o indivíduo, ou o Eu, como sublinha Laplanche, sendo identificadas, a partir de então, apenas por suas derivações, por seus modos de constituírem ligações.

Por uma questão de precisão conceitual, Laplanche não considera o Ego-instância um Ego-metonímico. Metonímia e metáfora são modos de substituição linguística, não se referindo às ligações, que são os elementos que definiriam os diferentes momentos do Ego/Eu. Depois de utilizar as expressões em diferentes ocasiões, como comumente feito em psicanálise, reserva-as apenas para estas substituições (Laplanche, 1993, 2007).

Quero dar ênfase a uma elaboração minha anterior (Calich, 2016[2014], 2019[2017]) no sentido de que a atividade tradutiva é composta por uma *função* tradutiva, parte das *montagens instintuais*, além das já mencionadas atividades auxiliares da tradução conduzidas por uma função sintética do Ego-instância.

Ao incluir a atividade tradutiva na *Situação antropológica fundamental*⁴ (Laplanche, 2007b/2015), atribuindo a ela *funções* constitutivas dos espaços psíquicos⁵, além de nominá-la como uma *necessidade de traduzir*⁶, em meu

⁴ “Referir-se à *Situação Antropológica Fundamental* é levar em consideração ao mais alto grau a mensagem enigmática do outro e sua tradução”. (Laplanche, 2007b/2015, p. 416)

⁵ “A tradução ou tentativa de tradução tem por função fundar, no aparelho psíquico, um nível pré-consciente. O pré-consciente – essencialmente o eu – corresponde à maneira pela qual o sujeito se constitui, se representa sua história. A tradução das mensagens do outro adulto é essencialmente uma historiação mais ou menos coerente”. (Laplanche, 2003, p. 407, grifos meus).

⁶ “(...) Assim, a ideia de tradução, *Übersetzung*, já proposta na carta 98 vem substituir aqui, de alguma forma, o ponto de vista puramente econômico do *Projeto para uma psicologia científica*, mas sem removê-lo” [em função da atividade acumuladora, diferente da descarga, como já mencionado]. “Há passagens que mostram que mesmo uma interpretação econômica da ‘necessidade de traduzir é possível. Isto quer dizer que a necessidade mesma de traduzir deve ser explicada em termos fiscalistas’. Para entrar em mais detalhes na ideia de Freud, ‘a necessidade de traduzir’ tem algo a ver com a tendência de ‘equalização quantitativa’. A tendência de tradução pode ser deduzida da tendência do aparelho neural para igualar as quantidades de excitação nele”. (Calich, 2019[2017], para, 32; Laplanche, 2006, p. 61, tradução livre e grifos meus)

entendimento, o autor a coloca como uma invariante, um inevitável, um elemento que já estava lá, em estado de latência, quando aparece a *mensagem enigmática*. Parafrazeando Green (2010[1988]), a *mensagem enigmática* vinda do outro revela a *atividade tradutiva*. De onde viria esse elemento originário em todo ser humano, não redutível, constante e imutável, criador de estruturas similares complexas (as instâncias psíquicas com suas propriedades constantes), senão de um provável substrato biológico?

A importância desta noção para a compreensão da nota de Laplanche é o que dá coerência ao modelo econômico, homeostático, para-excitatório (conforme mencionado na nota de rodapé #2) e, o mais importante, à noção da existência de um Ego-instância, que é constante e inalteravelmente (exceto em patologias específicas) transformado em Eu-indivíduo com os mesmos espaços psíquicos. Permite também que sejam integradas às ideias de para-excitação a noção de que a atividade tradutiva constrói todos os espaços psíquicos e seus movimentos, assim como a ideia de que a atividade tradutiva é a responsável por evitar que a consciência seja invadida pela angústia quando irrompe um não sentido.

Para esse conceito de função tradutiva como parte das *montagens instintuais*, biológicas, é relevante a afirmação de Laplanche na seguinte nota:

Insisti no fato de que o hegemonismo psicanalítico – correlativo ao hegemonismo da sexualidade humana – resulta em ocultar o que a psicologia do bebê é capaz de mostrar quanto às necessidades e às *aptidões inatas* (Spitz, Brazelton, entre outros). (Laplanche, 1996/2021, p. 722, grifos meus)

Um ângulo não abordado por Laplanche nessa nota, mas que dá importância capital ao seu modelo tradutivo e ao lugar do outro na mensagem sexual enigmática, refere-se a um necessário afastamento do modelo freudiano em relação à constituição do Eu-indivíduo. Ao colocar a atividade tradutiva (a sexualização) como transformadora do Ego-instância no Eu-indivíduo, desloca o modelo freudiano da percepção na constituição do Eu-indivíduo para o modelo da mensagem. Além da percepção centrada no corpo, encontra-se uma apreensão de qualidades do outro.

Em relação às três questões finais que Laplanche levanta e que envolvem o “Ego”:

– O Id pode seguir sendo considerado como inato?⁷

O Id, o *reservatório pulsional* na Teoria da Sedução Generalizada,

⁷ N.R.: mantido o termo Id dado pelo autor, em substituição ao termo Isso presente na tradução de Laplanche.

corresponderia ao inconsciente recalcado, local onde estariam acumulados os *restos* das mensagens enigmáticas (sexuais, vindas do adulto) parcialmente traduzidas, que atuariam o recalçamento ao criarem esse novo espaço psíquico. A tais *restos*, Laplanche (2003) dá o nome de objeto-fonte da pulsão, que permaneceria neste reservatório estimulando permanentemente a atividade tradutiva, ao mesmo tempo em que torna o ser humano autotradutivo e autoteorizante (Laplanche, 1987/1992, p. 139). Tendo essas características, o conteúdo do *reservatório pulsional* não tem origem inata, mas sim na sexualidade do adulto veiculada pela mensagem e implantada no corpo do pequeno ser humano. Sua constituição (bem como a constituição de todos os espaços psíquicos) é função da própria atividade tradutiva (Calich, 2019[2017]), ou seja, não seria inato em sua constituição ou conteúdo.

– Quais são as funções e o modo de existência do ideal do Eu e do Ego ideal?

Esse seria um tema extenso demais para a proposta do presente comentário. O que me parece fundamental nas contribuições posteriores de Jean Laplanche é a diferença que ele introduz entre a *identificação por* e a sua relação com a *identificação com* (Laplanche, 2007/2015a, 2007/2015b). O Ego ideal seria constituído por designações. Os adultos designam aquilo que esperam do *infans*. Laplanche detêm-se no exemplo do gênero, quando os adultos determinam antes mesmo do nascimento suas expectativas de gênero e do papel deste no mundo social. O pequeno ser chega ao mundo com seu gênero designado pelos adultos. Essa seria uma identificação por alguém, *ser identificado por*. Laplanche aproxima essa noção com a de *identificação primária* de Freud. Nas palavras de Laplanche, “identificação primitiva pelo socius da pré-história pessoal” (Laplanche, 2007/2015b, p. 167).

O ideal do Eu, de outra parte, seria resultado de *identificações com* o outro, constituindo uma força que parte do *infans* em busca de elementos identificatórios no objeto.

– “O SuperEgo é uma função do Ego?”⁸ Pessoalmente, eu o considero mais como um enclave psicótico, uma mensagem enigmática não traduzida e, talvez, intraduzível. ‘Psicótico’, aqui, obviamente não é tomado de forma pejorativa” (Laplanche, 1996/2021, p. 724). Essa também demandaria uma resposta excessivamente extensa para o comentário aqui realizado.

Tomo a liberdade de formular o resumo de uma elaboração teórica que creio seja complementar, mas coerente com o pensamento de Laplanche.

Creio que seria necessário falar de duas situações diversas. A primeira, uma função para-excitatória do Supereu (herdeiro do ideal de Eu) também

⁸ N.R.: mantidos os termos Superego e Ego dados pelo autor, em substituição ao termos Supereu e Eu presentes na tradução de Laplanche.

como oposição às pulsões, utilizando o recurso moral (e de outras categorias) identificatório, auxiliaria o Eu a manter a homeostasia, o contato com a realidade, a integração da noção de *si mesmo* com a expectativa do mundo à sua volta e a inserção do indivíduo na cultura. A criação e a evolução dessa instância dependeria da implantação da mensagem e da efetividade da atividade tradutiva, a qual seria auxiliar na narrativa de uma história consciente, pré-consciente e inconsciente do sujeito. Tomando como centro o princípio econômico, não a consideraria como uma função do Eu mas sim como tendo um duplo componente, tanto do conteúdo da mensagem do adulto quanto de auxiliar da atividade tradutiva, parte do pseudoinconsciente do mito-simbólico.

Uma outra situação, mencionada por Laplanche em sua pergunta, diz respeito ao Superego primitivo, cruel ou punitivo descrito por um grande número de autores psicanalíticos. Neste, a intromissão da mensagem e, portanto, a sua dificuldade ou impossibilidade de tradução, criaria um elemento amalgamado, com elementos não ligados, que não seria útil nas ações acima expostas, mas funcionaria como um imperativo categórico que só poderia ser obedecido (Laplanche, 2003, p. 409). Esta situação contaminaria toda a função interpretante, narrativa e teorizante, criando o Superego primitivo, exigente e acusatório. Estaríamos diante de mensagens que privam o Superego do papel de intermediário entre o Eu e a realidade, de modo que esta, agora predominantemente tóxica, não pode senão ser forcluída. Entendo que seja o fenômeno da ação da *pulsão sexual de morte*. Uma gama de patologias que estarão no espectro das insuficiências simbólicas, nas patologias do Superego /Superego e nas enfermidades limites – por inadequada constituição do aparelho psíquico e dos objetos internos – são parte deste amplo grupo. □

Abstract

Commentary on the text *About my conception of the Self*, by Jean Laplanche

This article is a commentary on Jean Laplanche's note written between the years 1990-1991, in which he seeks to situate his students at the time regarding their positions on the concept of Ego, which he had studied extensively since 1970. The economic point of view is highlighted as a central role in the Ego's function and in this scenario, referencing its concept of translation activity. Laplanche's statement about the metonymic and metaphorical derivations of the Ego is discussed, as well as their relationship with the connection of drives. The role of sexualization on the initial Ego-instance, in the transformation into the Self-individual, is also discussed.

A proposition of differentiation of nomenclature between the Ego-instance and the Self-individual is brought to establish the differentiation between a primitive, punitive and accusatory Superego and a Superego resulting from the action of the translation activity. Initial answers to the three questions that end Laplanche's text on the Id, the ego ideal, the ideal Ego and the Superego are introduced.

Keywords: Ego; Superego; Translation activity; Metonymic and metaphorical derivations; Synthetic Ego Function

Resumen

Comentario al texto *Acerca de mi concepción del Yo, de Jean Laplanche*

Este artículo es un comentario a la nota de Jean Laplanche escrita entre los años 1990-1991, en la que busca situar a sus alumnos de la época respecto a sus posiciones sobre el concepto de Ego, que había estudiado extensamente desde 1970. El punto de vista económico se destaca como un papel central en la función del Yo y en este escenario, haciendo referencia a su concepto de actividad de traducción. Se discute la afirmación de Laplanche sobre las derivaciones metonímicas y metafóricas del Yo, así como su relación con la conexión de las pulsiones. También se discute el papel de la sexualización en la instancia inicial del Yo, en la transformación en el Yo-individuo. Se trae una proposición de diferenciación de nomenclatura entre el Yo-instancia y el Yo-individuo para establecer la diferenciación entre un Superyó primitivo, punitivo y acusatorio y un Superyó resultante de la acción de la actividad de traducción. Se introducen respuestas iniciales a las tres preguntas que cierran el texto de Laplanche sobre el Ello, el Yo Ideal, el Ideal del Yo y el Superyó.

Palabras clave: Yo; Superyó; Actividad de traducción; Derivaciones metonímicas y metafóricas; Función sintética del Yo

Referências

- Calich J.C. (2016[2014]). *Catastrophe et traduction*. In C. Dejours et F. Votadoro (Org.), *La Séduction a L'Origine: L'œuvre de Jean Laplanche*. Paris: Puf. Apresentado no Colloque de Cerisy-la-Salle: La Séduction a L'Origine: L'œuvre de Jean Laplanche, jul. 2014.
- Calich, J.C. (2019[2017]). *A atividade tradutiva na Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche*. Trabalho apresentado à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), Março, 2019. Publicado originalmente na Revista Percurso, 58(1), edição on-line, 2017.

- Green, A. (2010). Seminário sobre o negativo. In *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed. (Originalmente publicado em 1988)
- Laplanche, J. (1970). *Vie et mort en psychanalyse*. Paris: Flammarion, coll. « Champs ».
- Laplanche, J. (1980). *Problématiques I: l'angoisse*. Paris: Puf, Bibliothèque de Psychanalyse.
- Laplanche, J. (1981). *Problématiques IV: l'inconscient et le ça*. Paris: Puf, Bibliothèque de Psychanalyse.
- Laplanche, J. (1992) La pulsion de mort dans la théorie de la pulsion sexuel. In *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Puf. (Original publicado em 1984)
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1993). *Le fourvoisement biologisant de la sexualité chez Freud (Les empêcheurs de penser en rond)* Paris: Synthelabo.
- Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 10(3), 403-418.
- Laplanche, J. (2006). *L'Après-coup*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. (2015a). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. (Trad. de V. Dresch). Porto Alegre/São Paulo: Dublinense. (Original publicado em 2007).
- Laplanche, J. (2015b). A partir da situação antropológica fundamental. In *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006* (pp. 103-115). (Trad. de V. Dresch). Porto Alegre/São Paulo: Dublinense. (Original publicado em 2007).
- Laplanche, J. (2021). *Acerca da minha concepção do Eu*. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(3), 719-723. Recuperado de <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/laplanche>
- Tarelho, L.C. (2021). Apresentação do texto de Jean Laplanche intitulado *Acerca da minha concepção do Eu*. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(3), 727-733. Recuperado de <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/951>

Recebido em 04/11/2021

Aceito em 04/12/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

José Carlos Calich

Rua 24 de Outubro, 838/603

90510-000 – Porto Alegre, RS – Brasil

jccalich@gmail.com